



Artigo

Água Viva Clube de Leitura: Travessias Literárias

Jeinni Kelly Pereira Puziol

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

puzioljk@gmail.com | ORCID 0000-0003-1897-6821

Ana Cristina Teodoro da Silva

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

anacristilha@gmail.com | ORCID 0009-0008-0654-7628

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as atividades do clube de leitura – água viva, uma experiência pedagógica não formal em desenvolvimento com estudantes universitários do curso de Comunicação e Multimeios, da Universidade Estadual de Maringá, Brasil, desde 2020. Gestado na pandemia, o Clube iniciou em formato remoto (2020/2021) e posteriormente migrou para o modelo presencial (2022). Depois de um ano de interrupção, retornou (2024/2025) e continua vivo e tecido pelos fios da literatura, escuta e educação. A metodologia é dos afetos e incertezas, em que o caminho se faz ao caminhar, tanto no formato do encontro (remoto e presencial), quanto na curadoria, que alternou entre coletiva e individual. Fundamentadas em Freire (2015), Berardi (2020), Coelho (2019) e Todorov (2009), as atividades do Clube possibilitaram experiências literárias enquanto estuário de realidades e sentimentos que transcendem o real, permitindo imaginar e criar outras existências diante do assombro da pandemia covid-19, da aceleração das mídias e do empobrecimento da linguagem. Permitiu o encontro com personagens tão singulares quanto universais numa temporalidade mais lenta, característica de longas travessias. Ler é resistência.

Palavras-chave: Literatura; Diálogo; Tempo; Educação.



Abstract

This article aims to reflect on the activities of the Água Viva book club, a non-formal pedagogical experience being developed with university students in the Communication and Multimedia program at Maringá State University, Brazil, since 2020. Conceived during the pandemic, the club began remotely (2020/2021) and later transitioned to an in-person model (2022). After a year-long hiatus, it returned (2024/2025) and remains alive, woven through the threads of literature, listening, and education. The methodology is one of affection and uncertainty, where the journey is made by walking, both in the meeting format (remote and in-person) and in the curation, which alternated between collective and individual. Based on Freire (2015), Berardi (2020), Coelho (2019), and Todorov (2009), the Club's activities enabled literary experiences as an estuary of realities and feelings that transcend reality, allowing us to imagine and create other existences in the face of the astonishment of the COVID-19 pandemic, the acceleration of media, and the impoverishment of language. It allowed encounters with characters as singular as they are universal in a slower temporality, characteristic of long journeys. Reading is resistance.

Keywords: Literature; Dialogue; Time; Education.

Introdução: Água Viva

Leitura, escuta e educação são alguns dos fios da tessitura que procura elaborar atividades em grupos que se reúnem para dialogar, a partir da leitura de um livro. Após cinco anos, eventualmente olhamos para trás e nos espantamos com a trilha percorrida, que foi feita passo a passo. Contar a história gera algum sentido e coesão em uma caminhada que foi planejada até um certo ponto, pois não se pode prever e determinar os afetos, fundamentais para a leitura; a escuta do outro, o encontro, quer seja entre leitor e livro ou entre as pessoas envolvidas. Ademais, a narrativa é trabalho de memória, de recuperar arquivos digitais, físicos e mentais, imantando o norte que nos fez chegar até aqui.

Ano de 2020, uma universidade pública, a Universidade Estadual de Maringá – UEM, no estado do Paraná, Brasil. Um curso de graduação, Comunicação e Multimeios, que fora criado há nove anos e a maior parte do tempo contava com o trabalho de professores temporários, sem laboratórios, pouquíssimos equipamentos e recursos financeiros. Apesar da precariedade do contexto, o curso era bem avaliado, tinha alta demanda e recebia alunos excelentes – até hoje.



Desde o início do curso coordenamos um projeto de ensino para congregar as ações além da sala de aula que impactam a formação de nossos estudantes, tais como eventos, cursos, produção de *sites* e conteúdos digitais, em seus aspectos pedagógicos. Sobretudo, acolhidos pelo projeto, tivemos grupos de discussões (cinema, mídias, gênero e sexualidade) e reuniões docentes para discussões pedagógicas. O título do projeto, *Ás de Paus* – laboratório de comunicação e multimeios, remete ao jogo, ao baralho, e brinca com a ideia de laboratório sem paredes, já que não tínhamos espaços próprios na universidade. O naipe de paus é associado à imaginação e criatividade, e a carta ás representa a energia dos começos.

Somos alcançados pela Pandemia de Covid-19. No Brasil, o confinamento foi decretado com diferenças entre estados e municípios, mas podemos afirmar que o ano letivo de 2020 não começou com o encontro entre alunos e professores nas escolas e universidades. Atuamos remotamente, usando recursos próprios, distantes fisicamente e com mediação das telas, o que interferiu no afeto que sempre foi nosso aliado.

No contexto das tecnologias digitais, “A palavra é conduzida para esse processo de automação, de modo que a encontramos congelada e abstraída em meio à vida esvaziada de empatia de uma sociedade incapaz de solidariedade e de autonomia” (Berardi, 2020, p. 20). A análise de Berardi toma ares dramáticos na pandemia em sociedades que viveram a violência do isolamento, no dever de não encontrar os outros, e também a violência com aqueles que não podiam se isolar, pois precisavam trabalhar saindo às ruas – sem contar os que não compreendiam a necessidade de isolamento. O fato é que fomos obrigados a viver uma cultura sem a mediação de professores, curadores, museus e bibliotecas, cujos postos veiculares vêm sendo substituídos por grandes empresas de tecnologia digital (Coelho, 2019), que passaram a ser essenciais no que líamos, assistíamos, sentíamos. É mais um aspecto do qual não nos recuperamos das consequências do Covid 19.

O repertório crítico a respeito das chamadas novas tecnologias na comunicação, e também na educação, é anterior, atravessa todo o século XX. Para Guattari (2012, p. 120), a

subjetividade padronizou-se através de uma comunicação que elimina, ao máximo, as composições enunciativas trans-semióticas (desaparecimento progressivo de polissemia, da prosódia, do gesto, da mímica, da postura, em proveito de uma língua rigorosamente assujeitada



às máquinas escriturais e a seus avatares mass-mediáticos). Em suas formas contemporâneas extremas, tal subjetividade tende a se reduzir a uma troca de fichas informacionais, calculáveis por quantidade de bits e reproduzíveis por computador.

Aprofundamos a queda neste cenário. O ano de 2020 foi excepcionalmente desafiante para os professores, por precisarmos trabalhar remotamente. Procuramos fazer nosso melhor, adaptar as aulas, considerar os limites dos alunos, que precisaram acompanhar as aulas em casa, com os equipamentos que tinham (ou não tinham). Foi um período de medo e adoecimento, e tentamos refletir sobre isso. É muito difícil saber até que ponto fomos bem-sucedidos, mas podemos garantir que tentamos, nos reunimos, trocamos experiências, cansamos, desanimamos e animamos na sequência. Sobrevivemos, porém, ao lado de diversos tipos de luto. O ano não foi, pedagogicamente, como pensávamos.

Como professoras, tínhamos a experiência de ativar o que Berardi chamou de “[...] potências mais íntimas da linguagem” (2020, p. 8). A linguagem poética, “[...] pode dar início ao processo de reativação do corpo emocional e, dessa forma, de reativação da solidariedade social, a começar pela reativação da força desejante da enunciação” (Berardi, 2020, p. 22). Ao estarmos conectados às redes digitais, estamos “[...] sem respiração, sem con-spiração, sem inspiração” (Berardi, 2020). Era necessário recompor o imaginário da criação, o que poderia ser possível pela poesia, pela literatura.

É neste período que se iniciou o clube de leitura do curso. Percebíamos que os encontros, mesmo remotos, eram positivos aos alunos e professores. Queríamos trabalhar e contribuir de alguma forma para aliviar a solidão e a falta de horizontes em que vivíamos. O confinamento gerou a convivência muito próxima, sem intervalos, entre familiares e grupos, o que, por vezes, resultou em violências as mais diversas. Ter aulas, ter outros grupos de troca, mesmo que remotos, eram inspirações. Esperamos ter constituído um espaço/tempo de acolhimento e aprendizado para nossos alunos. Assim, propusemos um clube de leitura, tendo como público os alunos da graduação em Comunicação e Multimeios, da UEM, que participariam voluntariamente. A atividade faria parte do projeto de ensino Ás de Paus – laboratório de comunicação e multimeios. As reuniões seriam mensais, remotas, e tínhamos a possibilidade de trocar mensagens em um grupo criado em um



aplicativo. Sem maiores combinações, as conversas cotidianas eram restritas ao livro que estávamos lendo, à literatura ou à organização de nossos encontros.

É importante mencionar que não tínhamos plena consciência da elaboração teórica do que fazíamos. Sabíamos que precisaríamos atravessar aquele período, sabíamos que muitos estudantes estavam adoecendo e mesmo sofrendo violências por conta do confinamento, sabíamos também que ter um espaço informal, sem cobranças, para sonhar, sair da realidade, escutar e falar, seria um lenitivo. A posteriori, percebemos que o arranjo teórico do que foi feito relaciona diálogo, escuta, travessia, tempo e espaço. Procuraremos demonstrar neste texto como foi o processo, processo de aprendizagem, realizado por meio das ações de nosso clube de leitura, ações de diálogo.

O prefixo grego *dia*, presente em “diálogo”, remete a “atravessar”. Como em diâmetro. A linha ou medida que atravessa o círculo. *Logos*, do grego, “conhecimento” ou “significado”, mas também “discurso” e “razão”. Assim, dia-logo quer dizer o “significado que atravessa”. O dialogar é, portanto, empenhar-se para que o significado do que o outro diz e do que o outro sente chegue até você (Dunker & Thebas, 2019, p. 74).

Precisávamos atravessar as angústias da pandemia, e constituímos um tempo/espaço de travessamento. Não era possível o encontro dos corpos, mas era possível ler, deslocar o ser, escutar o outro, expressar-se. Assim foi o método, que, com o passar do tempo e das atividades, foi testado e aprumado, recuado e expandido, de acordo não com resultados de conteúdos, mas com ganhos de conexão afetiva. É preciso lembrar, com Paulo Freire, que “Estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las” (Freire, 1981, p. 12). Cultura, do latim *colere*, significa cultivar, criar. E essa criação não vem do acúmulo de ideias, mas da experiência, da elaboração do que se lê em relação consigo e com o outro. Educação, portanto, é diálogo e não enunciação individual (Freire, 2015).

Ou seja, temos constituído, uma metodologia dos afetos, que posteriormente atravessou nossos fazeres em sala de aula de modo contundente, mas essa seria uma outra conversa. Nossa travessia, até o momento, tem duas inflexões: o retorno da pandemia e a suspensão do clube de leitura por desinteresse dos alunos e professores. As três partes do texto representam a trilha. Primeiro, a experiência do clube de leitura durante a pandemia. Um segundo momento se inicia quando tivemos condições de nos encontrar presencialmente. Resistimos por um ano e o grupo foi



extinto. Algum tempo depois, alunos empolgados pedem o retorno do clube, é o que marca a terceira parte.

Assustados

A experiência de leitura abre infinitas possibilidades; para além das informações, são pontes para outras culturas e visões de mundo, para outras paisagens e tempos. É um riquíssimo campo de nutrição para a criação. Cada angústia, desejo ou problema pode entrar em diálogo com um bom livro. Para isso, precisamos dispor de tempo, espírito, vontade. Pensando nisso, com a experiência de professoras e a convivência com jovens, temos reforçado mais e mais a convicção de que a formação acadêmica necessita das artes, especificamente da literatura, o que demanda hábito, treino, e esse é um dos objetivos do clube de leitura.

Inicialmente, o grupo teve a promessa de participação de 19 alunos, incluindo alguns já graduados. Leríamos um livro por mês e nos reuniríamos para discussão e trocas de experiências. A curadoria do primeiro ano ficou sob nossa responsabilidade. Preparamos uma lista pensando em diversidade: foram oito livros, de autoras e autores de sete nacionalidades. Havíamos lido apenas um deles, e queríamos muito ler os demais. Depois, com as reuniões e conversas, percebemos o equívoco. Quem coordena um clube de leitura deve reler, e não ler. Não é um grupo de amigos, éramos as professoras, adultas, deveríamos assumir a responsabilidade formativa.

Assim foi nossa primeira lista:

- A trégua (1960) – Mario Benedetti (Uruguai);
- O remorso de Baltazar Serapião (2006) – Valter Hugo Mãe (Portugal);
- História de leves enganos e parecenças (2016) – Conceição Evaristo (Brasil);
- Sistema nervoso (2020) – Lina Meruane (Chile);
- Baratas (2018) – Scholastique Mukasonga (Ruanda);
- Escritos de uma vida (2018) – Sueli Carneiro (Brasil);
- Kyoto (1962) – Yasunari Kawabata (Japão);
- As horas (1998) – Michael Cunningham (EUA);
- Prólogo, ato, epílogo: memórias (2019) – Fernanda Montenegro (Brasil).



Uma sintética palavra sobre essa primeira lista. *A Trégua* foi uma grata surpresa, nós todos debutantes na literatura uruguaia. Na reunião, compareceram seis alunos. Todos leram e a discussão foi produtiva e criativa. *O Remorso de Baltazar Serapião* foi especialmente difícil. Nós mulheres, maioria no grupo, tivemos dificuldade, a representação da violência contra a mulher beirou o insuportável, foi percebida como obscena, ficamos obstaculizadas pelo que sentíamos como um certo sadismo. Posteriormente, percebemos nossa escuta errática, impactadas pela primeira leitura. Não era uma leitura adequada para aquele momento do clube. Talvez seja uma obra para ser relida – porém, apenas podemos reler o que já foi lido, então, de algum modo, valeu a pena.

Então veio Conceição Evaristo. *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* foi um afago, todos se encantaram com a leveza e pertinência da discussão. *Sistema Nervoso* segurou nossa reunião, mas não foi marcante. *Baratas* foi outro soco no estômago, porém realista. A força do relato de Mukasonga Scholastique se fez sentir entre nós. *Escritos de Uma Vida* não é ficcional, foi mais um erro, a poética da literatura era necessária naquele momento, a proposta não era discutir a realidade, que estava muito pesada, e sim pensá-la obliquamente. Valeu conhecermos a trajetória de escritos de Sueli Carneiro. *Kyoto*, com sua delicadeza, nos conduziu a um Japão tradicional. *As Horas* foi uma homenagem a Virgínia Wolf. Por fim, o emocionante *Prólogo, Ato, Epílogo*, com a numinosa vida de Fernanda Montenegro, atriz brasileira maior, cuja trajetória confunde-se com a história do teatro no país. Após algum tempo, a atriz-escritora foi admitida na Academia Brasileira de Letras (ABL).

Terminamos o ano em seis almas, com apenas dois alunos do curso. Se, por um lado, lamentamos o número pequeno de participantes, por outro é incrível que a proposta foi realizada, lemos e discutimos oito livros. Criamos um espaço democrático e de diversidade, com respeito. Entendemos que a atividade foi na contramão das sutis violências cotidianas, pois exercitamos uma escuta que é transformadora. Então, modestamente, foi uma ação de resistência, uma vez que demandou tempo, emoções, abstração, capacidade de sonho. Mediar um clube de leitura é atravessar e acompanhar o outro na travessia. Dialogar com um livro, uma obra, nos transforma a partir de dentro, é como um treino que nos dispõe a dialogar com o outro, com as diferenças. Para Freire (1989, p. 13), “[...] a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas



por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”. Ademais, o mundo transformado atua em nós, transformando-nos.

Para o segundo ano, todos os alunos do curso, mais uma vez, foram convidados a participar. A participação efetiva, mais uma vez, foi relativamente pequena. Tínhamos oito membros sempre presentes, mais uma média de três que compareciam a encontros específicos. A curadoria tornou-se coletiva, dentre os efetivos do grupo, cada membro escolheria um livro. Cada uma do grupo, leitora com alguma experiência, apesar da juventude, passaria pela responsabilidade de escolher um livro, tentando interessar também aos outros. Foram orientados a escolher dentre os que já haviam lido. A lista, diversificada, pareceu-me empolgante, contemplando diversas culturas.

- Garota, Mulher, Outras (2019) – Bernardine Evaristo (Inglaterra);
- Torto Arado (2019) – Itamar Vieira Junior (Brasil);
- Foe (1986) – J. M. Coetzee (África do Sul);
- Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá (1919) – Lima Barreto (Brasil);
- As Alegrias da Maternidade (1979) – Buchi Emecheta (Nigéria);
- Glória (2012) – Victor Heringer (Brasil);
- A Caixa-Preta (1986) – Amós Oz (Israel).

Começamos a perceber, com algum incômodo, que os jovens querem ler livros publicados na atualidade, tendo um certo menosprezo pelos clássicos. O desconhecimento das artes e da história – uma traição do sistema educacional – faz com que o foco do interesse seja o presente, como se o passado estivesse morto. Lembramos Borges (2011, p. 21), quando dimensiona a importância do tempo: “Se lemos um livro antigo é como se lêssemos todo o tempo transcorrido entre o dia em que ele foi escrito e nós”. Mais um fio a ser incluído na tessitura. Para Bosi (2015), a infelicidade é um sofrimento, uma agonia que corrói o presente; já a felicidade aceita generosamente a passagem das horas. A pandemia se estendia. É especialmente difícil avaliar um período tão diferenciado. Observamos um maior índice de adoecimento de nossos estudantes, e um maior distanciamento. Certamente oferecemos algum suporte pedagógico aos alunos, de aprendizagem e afetivo, porém sabemos que agimos dentro de limites. Podemos afirmar que trabalhamos algumas vezes de forma insalubre, e sabemos que alguns alunos não tinham condições materiais e emocionais de participar



das atividades acadêmicas. A tônica do período parece ser a resistência e resiliência. O resultado acadêmico certamente foi prejudicado, mas conseguimos manter vínculos e persistimos, testando, criando.

É importante registrar as dificuldades: medo sanitário com a pandemia de Covid-19, insuficiência de recursos humanos e técnicos, excesso de trabalho em telas, necessidade urgente de criar alternativas para o ensino remoto, percepção de desinteresse dos estudantes, desânimo dos professores, contexto político cruel com a educação e com os professores. Poderíamos continuar a lista, mas até descrever a situação é cansativo e parece redundante (aqui, citamos um trecho do relatório anual do Projeto de Ensino Ás de Paus: laboratório de Comunicação e Multimeios, já mencionado).

Garota, Mulher, Outras foi uma escolha muito acertada, com suas discussões e linguagem atuais. Aproveitamos para ler *Torto Arado*, a sensação do período. Foi triste o desafio da composição sofisticada de John Coetzee. Um clássico de Lima Barreto que não deu muito certo na discussão. Depois, a pessoa que o indicou admitiu tê-lo escolhido porque tinha a necessidade de lê-lo para um outro compromisso. As *Alegrias da Maternidade* nos fez visitar uma realidade nigeriana. Com *Glória* voltamos à zona sul carioca, na visão irônica de um jovem autor. Neste compasso, pudemos, enfim, no final de 2021, encontrarmo-nos pessoalmente.

O encontro

Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. [...] Meu peito estava quente, meu coração pensativo (Lispector, 2016, p. 395).

Nossa primeira reunião presencial foi em 16 de dezembro de 2021, após o inesperadamente longo período de distanciamento a que a Pandemia de Covid-19 nos obrigou. Foi estranho e emocionante nos encontrarmos, corpos e olhares em um mesmo espaço, uma sala suja da Universidade. Dali, um salto à cultura israelense, com *A Caixa Preta*.



Todos os livros da segunda lista foram lidos e discutidos. A participação foi, em média, de 10 pessoas, sendo 5 alunos da graduação. A presença efetiva e regular restringiu-se a metade dos membros. Por um lado, lamentamos a pequena participação, porém, por outro, é incrível que tenhamos mantido a atividade. Talvez essa primeira versão do clube de leitura tenha sido uma travessia pela pandemia, que fizemos sem muita consciência de que estávamos em um barquinho comum, desnorteado mas não à deriva, pois sustentado por sonhos. O grupo tinha uma grande dificuldade em pensar um nome. Por um tempo, fomos O Inominável clube de leitura – o que achávamos horrível. Ao final do segundo período, pensamos em Água Viva. Pareceu justo, uma imagem da vitalidade da água e da fluidez, além de homenagear Clarice Lispector, por alusão a seu livro homônimo.

A curadoria continuou como responsabilidade do grupo, cada integrante indicando uma obra. Para o ano de 2022, a proposta era a seguinte:

- 1984 (1949) – George Orwell (Inglaterra);
- Fahrenheit 451 (1952) – Ray Bradbury (EUA);
- Fun Home – Uma tragicomédia em família (2006) – Alison Bechdel (EUA);
- Filhos de sangue (1984) – Octavia Butler (EUA);
- Macunaíma (1928) – Mário de Andrade (Brasil);
- A hora da estrela (1977) – Clarice Lispector (Brasil);
- Três mulheres de três PPs (1977) – Paulo Emílio Sales Gomes (Brasil);
- Coletânea de poemas (Mortal loucura – Gregório de Matos; Trem de ferro – Manuel Bandeira, Interlúdio – Cecília Meireles, A máquina do mundo – Carlos Drummond de Andrade, Rios de discurso – João Cabral de Melo Neto, Com licença poética – Adélia Prado, poemas de Paulo Leminski, O menino que carregava água na peneira e O fotógrafo – Manuel de Barros);
- Literatura, pão e poesia (2011) – Sérgio Vaz (Brasil);
- Terra fresca da sua tumba (2021) – Giovanna Rivero (Bolívia).

O grupo continuou com 10 pessoas, sendo 5 alunos da graduação. Porém, a missão foi cumprida, todos lidos e discutidos. Um livro por mês, um horário intermediário que atendesse aos trabalhadores, no máximo duas horas de discussão, além das conversas por mensagem. Tivemos



uma maior variedade nos períodos das obras, o que nos pareceu indício de amadurecimento do grupo.

Aproveitando o contexto político, no Brasil e no mundo, discutimos dois clássicos que abordam a cultura fascista, e que voltaram à lista dos mais procurados: *1984* e *Fahrenheit 451*. *Fun Home* representa o universo das histórias em quadrinhos. A maravilhosa Octávia Butler é apresentada à maioria de nós com seus contos. O clássico brasileiro incontornável, *Macunaíma*, sucedido por nossa madrinha Clarice Lispector, em seu romance social. Uma homenagem a Paulo Emílio Salles Gomes, que, além de fundador da Cinemateca, mostrou ser ótimo escritor (e que não era “apenas marido da Lygia”).

Mudamos de parágrafo para contar que alguns de nossos jovens membros disseram não gostar de poesia! Assumimos a impossibilidade desse desgosto e tomamos por missão mostrar como poemas podem ser maravilhosos. Como é difícil fazer uma seleção! Não somos especialistas, não quisemos ser exaustivas. Restringimos a poetas brasileiros. Mesmo assim, uma vastidão. E, dentro de cada universo/poeta, qual poema? Então, a ideia foi reconhecer os limites de qualquer recorte e se encantar. Fizemos uma coletânea de poemas brasileiros, buscando representar diferentes momentos e propusemos um exercício: ler lentamente, um de cada vez, ler cada um mais de uma vez, já que não são muitos. Ler cismando, sentindo. Os poemas têm ritmos próprios, e isso é bem diferente da prosa. Talvez por isso o “não gostar”. Os tempos da poesia questionam nossa pressa, nossa ansiedade, pedem que paremos, pensemos. Impossível? Então, é tarefa da poesia. Muito difícil avaliar o resultado da atividade, mas a elaboração foi entusiasmada. Fechamos o ano, outro livro de poemas, de Sérgio Vaz, e uma representante da literatura boliviana.

Nos livros literários as personagens guardam potências de transformação no diálogo da leitura. Para Todorov (2009, p. 81), “Quanto menos essas personagens se parecem conosco, mais elas ampliam nosso horizonte, enriquecendo assim nosso universo. [...] O horizonte último dessa experiência não é a verdade, mas o amor, forma suprema de ligação humana”. Experiência humana, a literatura nos faz atravessar e nos atravessa, propondo não acúmulo de conteúdo, mas novas formas de pensar e de nos relacionarmos (Todorov, 2009), que se contrapõem a uma visão simplista de literatura em que é colocada na posição de ilusão: “[...] revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro” (Todorov, 2009, p. 76). O



cotidiano, tão marcado por problemas econômicos, sociais, ecológicos, embrutece nossa capacidade imaginativa e transformadora. Dunker e Thebas (2019, p.186) lembram:

Lúudens originou a palavra ludere, que significa ilusão. Costumamos olhar para as ilusões como algo nocivo, que nos tira da realidade, coisa de quem não tem os pés no chão. Mas o que faz o mágico com suas ilusões senão nos mostrar outra realidade que estava ali, bem na nossa frente e que não conseguíamos ver? Ludere, portanto, nos remete a enxergar novas possibilidades ou oportunidades. É no eixo Ludens que reside nosso potencial inovador! A mesma coisa acontece com a palavra “diversão” prima irmã da ludicidade. Diversão deriva de Di Vertere, que significa voltar-se para o outro lado. Mudar, portanto, o ponto de vista.

A literatura nos diverte, nos convida a mudar nossos pontos de vista. Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa, nos diz: “Quem desconfia, fica sábio: dizendo como pude, muito confirmei” (Rosa, 2019, p. 101). Questionamos nossa própria existência ao assumir a posição de não-saber, pois atravessar é se relacionar com personagens de vidas e sentimentos outros. O novo sempre vem: “Nunca se sabe o que virá quando se abre uma porta” (Dunker; Thebas, 2019, p. 88). O professor, ao mediar um clube de leitura, tem a possibilidade de atravessar seus estudantes pelo não-saber, de modo dialógico e criativo. Reconhecer que desconhecemos é ponto de partida da aprendizagem.

No Brasil, a universidade é baseada no tripé ensino, pesquisa, extensão. Os docentes das universidades públicas, majoritariamente executam projetos de pesquisa, que fundamentam a produção científica e pontuam nos currículos. Temos o problema crônico de não realizar a integração do tripé mencionado. Percebemos uma dificuldade dos docentes em compreender atividades de ensino fora da sala de aula. Como seria previsível, ao conquistarmos, no curso, um número maior de professores efetivos, tais professores desenvolveram projetos próprios, nos quais não são distinguidos os fios do ensino. Em 2022 o projeto de ensino Ás de Paus foi encerrado. Alguns professores não entendiam o espaço do projeto como relevante. Assim, se desfaz o espaço virtual, real e afetivo do laboratório que persistiu pela primeira década do curso de Comunicação e Multimeios da Universidade Estadual de Maringá, demarcando a perda da frescura dos inícios e a constituição de caminhos outros.

Com tristeza, encerramos as atividades do clube de leitura por conta da pequena participação de estudantes, que eram a razão da ação. As atividades do clube demandavam preparo e energia consideráveis. Com a distância, ficamos satisfeitas em lembrar que nossas atividades persistiram



por dois anos e meio. Aprendemos muito. A maioria das indicações dos jovens nos surpreendeu positivamente. E as participações são de enorme aprendizado. O grupo atravessou junto um período complicadíssimo (político e pandêmico); jamais esqueceremos. Certamente cada pessoa dali continuaria sendo leitora, amante de livros, uma força da qual somos parte, e que nos une.

Na estrada

Mais de um ano se passou, e fomos procuradas por alunos do curso que gostariam de reeditar grupos de encontro extra classe, no caso, o grupo de discussão Sexualidade e Comunicação e também o clube de leitura. A energia deles nos entusiasmou. Não seria possível – nem viável – manter os dois grupos, então optamos pelo retorno do clube de leitura. Propusemos um projeto de ensino mais recortado, com objetivo de ler literatura, compartilhar experiências, perceber a multiplicidade de interpretações possíveis em cada texto. Visamos atrair estudantes para a prática da leitura; aprimorar essa habilidade e experimentar afetivamente o espaço/tempo da literatura.

Riobaldo, personagem rosiano citado a pouco, diz: “[...] o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (Rosa, 2019, p. 53). Ler apenas um resumo de um livro exclui o caminho. Ainda Riobaldo, “As horas é que formam o longe” (Rosa, 2019, p. 421). O passar das horas implica escuta do livro, de si e do outro. Para Dunker, Thebas (2019, p. 60),

Escutar é uma disposição a reverberar, pontuar, ecoar, tencionar ou participar da fala do outro. O bom escutador é leitor de textos e de pessoas, alguém que se interessa por entrar na vida alheia porque ela é um desafio de leitura, como um bom livro ou filme que, ao procurarmos ler ou assistir, enriquecemos.

Escutar é dizer a uma história ou a alguém que tem espaço dentro de você. Quando escutamos diferentes palavras, vozes, diminuímos a história única que muitas vezes nos foi contada, multiplicamos histórias. Acolhemos o que é singular e também universal. Para Todorov (2009, p. 82), “Pensar e sentir adotando o ponto de vista dos outros, pessoas reais ou personagens literárias, é o único meio de tender à universalidade [...]”.

O projeto de ensino está em diálogo com a pesquisa institucional, intitulada “O tempo de trilha: livros e seus afetos”, e procura contribuir para a formação pessoal e social dos alunos, para ampliar



o horizonte imaginativo. Voltado a demandas do curso de Comunicação e Multimeios da UEM, acolhe acadêmicos de outros cursos e interessados. O curso passou ao período noturno, então, agora, a curadoria deve lidar com uma comunidade composta de trabalhadores que estudam à noite, e que dedicarão um intervalo para serem encantados pela arte da escrita.

Dessa forma, em meados de 2024 retorna o “água viva clube de leitura”, escrito assim mesmo, em letras minúsculas, para representar algo pequeno e frágil. Fizemos reuniões preparatórias com estudantes interessados, e chegamos à conclusão de que o horário mais inclusivo seria entre 18h e 19h30, ou seja, uma hora e meia no intervalo entre a saída do estágio/trabalho e o início das aulas. Os encontros são mensais e presenciais. Entendemos que as comunicações dos corpos são imprescindíveis para cultivarmos os afetos que impulsionam nossa ação. Podemos ler textos curtos e ricos, ou dividir leituras de livros em diversos encontros.

No processo de renascimento do grupo, soubemos que outra professora da mesma universidade, mas de outro departamento, mantinha um grupo informal de debates literários, a “Sociedade das Discussões”, com alunos de Comunicação e Multimeios e outros, desde 2023. A atividade teve início após o término da disciplina Comunicação e Sociedade, ministrada por esta professora, e foi iniciativa de alguns alunos que gostariam de abordar temas que foram trabalhados durante o curso, dentre eles, o incentivo à literatura e formas diversas de escritura. O grupo tem lido e discutido livros, autores e filmes relacionados a temáticas indicadas pelos participantes, afluindo para a conversa que entrelaça o livro e as vivências, enriquecendo o grupo e auxiliando na reflexão a respeito da multiplicidade humana. Unimo-nos e o projeto água viva abriga também a Sociedade das Discussões. Temos dois espaços de troca literária, com encontros mensais. O que coordenamos se encontra em um dia da semana, como dito acima. A Sociedade das Discussões não tem foco nos alunos de Comunicação e Multimeios, reúne-se aos sábados. Até o momento, conseguimos unir os grupos em duas oportunidades.

A capacidade de dialogar com obras escritas, respeitando a perspectiva e o contexto do autor, apresentando-se como sujeito na criação de significados, é fundamental a qualquer acadêmico, e obrigatório ao comunicólogo. Desenvolver a habilidade de leitura requer uma base que é, simultaneamente, linguística, histórica, antropológica, política e extrapola os saberes científicos,



adentrando-se na arte e na filosofia. Não é simples, mas é necessário a quem deseja produzir textos em seu sentido mais amplo: imagéticos, audiovisuais, escritos, sonoros, táticos.

Assim, compreendemos que gerar um espaço/tempo de dedicação à leitura de literatura é procurar contribuir com a formação integral de nossos estudantes. O desenvolvimento do gosto pela leitura desdobra as potencialidades humanas, ampliando os repertórios que são solicitados nos desafios da vida, pessoais e sociais, e auxiliando a constituir visões de mundo capazes de conviver com as diferenças.

Ademais, com as discussões feitas em grupo, precisamos exercitar a escuta, o desafio da expressão oral e do debate. As diferentes interpretações têm lugar, e o coletivo se mostra mais rico que qualquer posição individual, constituindo uma experiência democrática.

É pensando na qualidade da relação com o autor, e nos afetos envolvidos, que selecionamos os materiais, procurando escutar os anseios e necessidades dos estudantes trabalhadores. Nossa encontro-piloto discutiu o conto *O Livro*, que compõe *Borges Oral e Sete Noites*, de Jorge Luis Borges. No primeiro encontro formal convidamos Clarice Lispector, com o “nossa” Água Viva. Elaboramos uma lista de possibilidades, que pode ser acrescida a qualquer momento. Recentemente, uma participante sugeriu duas histórias em quadrinhos excelentes, que serão avaliadas para nossa discussão. Não temos datas e leituras fixas, a cada encontro marcamos a próxima data e leitura, que depende do momento do ano letivo, procurando não sobrecarregar os participantes. Continuamos poucos, uma média de sete pessoas por encontro. Curiosamente, um número parecido com o grupo remoto e com o grupo presencial quando o curso era vespertino. Até agora, lemos e discutimos as seguintes obras:

- Borges oral e sete noites (2011) – Jorge Luis Borges (Argentina);
- Água viva (1973) – Clarice Lispector (Brasil);
- Anão de jardim (1995) – Lygia Fagundes Telles (Brasil);
- Coletânea de poemas (a mesma da lista de 2022);
- Farenheit 451 (1952) – Ray Bradbury (EUA);
- Olhos d’água (2014) – Conceição Evaristo (Brasil);
- O espelho (1882) – Machado de Assis (Brasil).



Aproveitando um recesso no ano letivo, discutimos *Otelo*, de William Shakespeare. A *Seleção de Poemas* é a mesma discutida no grupo anterior. Repetimos também a discussão de *Farenheit 451*, por interesse dos estudantes. O texto é divulgado previamente pelas redes sociais, com tempo suficiente para que os interessados possam se preparar e ler. Todos têm voz, e, talvez em primeiro lugar, propomos que todos tenhamos escuta. A Sociedade das Discussões continua reunindo-se, também presencialmente. Atualmente, conta com oito membros efetivos e convidados internos e externos da comunidade UEM.

A troca, nos dois grupos, ocorre também por postagens de informações, textos, poesias, *links* para vídeos e filmes em um grupo de aplicativo e informações a todos os interessados por meio de uma rede social.

Conclusão: Diálogo, Escuta, Travessia, Tempo e Espaço

Ser professor e mediar um clube de leitura, é, parafraseando Mão (2016), assumir a tristeza para reclamar a esperança. É propor travessias pela literatura, de modo a alongar a percepção do tempo e espaço de vida, o meio, o entre. A leitura literária nos permite confluir com o outro, na escuta e no diálogo, no tempo e espaço presente, na imaginação de realidades outras.

Em um livro de memórias, lúcidas ou fantasiosas, Lygia Fagundes Telles escreveu que, na despedida do último encontro com Jorge Luis Borges, perguntou a ele qual mensagem deixaria. Nos conta ela, “Ele fixou em mim olhar de névoa e a larga cara abriu-se numa expressão iluminada: O sonho! Ele exclamou. Acreditar no sonho, entregar-se ao sonho porque só o sonho existe. No dia em que meu amigo escritor deixou de sonhar, matou-se” (Telles, 2002, p. 39). O clube de leitura água viva tem podido ser sonho e travessia para aqueles que ali cruzam.

O Burrinho-Pedrês, personagem de Guimarães Rosa, foi atravessar a potência de um rio. Chegou na margem do outro lado num ponto bem mais abaixo do que podia imaginar, a travessia aconteceu no diálogo com o tempo e espaço presente.

E Sete-de-Ouros, sem susto a mais, sem hora marcada, soube que ali era o ponto de se entregar, confiado, ao querer da correnteza. Pouco fazia que esta o levasse de viagem, muito para baixo do lugar da travessia. Deixou-se, tomando tragos de ar. Não resistia (Guimarães Rosa, 2001, p. 96).



A leitura literária pode nos apresentar veredas diversas, que talvez nunca tenhamos imaginado, e ampliar nosso universo psíquico, social, cultural e ecológico. A leitura não se encerra na compreensão do código escrito, de modo que a constituição do saber se dá na realidade, na relação com o mundo, com os outros, no diálogo – mencionado no início do tecido, ou seja, do texto.

Para Freire (2015), educação é duração, e estendemos esse significado para a leitura: “A educação que não se transformasse ao ritmo da realidade não ‘duraria’, porque não estaria sendo. Esta é a razão por que, ‘durando’ na medida em que se transforma, a educação pode também ser força de transformação” (Freire, 2015, p. 114). Leitura literária é transformação coparticipada, travessia. Como escreveu Ray Bradbury, em *Fahrenheit 451*, “Os livros, enfim, são um convite à transcendência, ao desvario, à errância, ao desvio em relação ao destino bovino da humanidade conformada” (Bradbury, 2003, p. 13).

Atravessar pela literatura, escutando e dialogando, envolve tempo e espaço. Com a aceleração do tempo e o encurtamento do espaço, no cenário das mídias digitais, escutar e dialogar são atos de resistência e resgate de uma vida mais integrada com a natureza. O corpo, nossa mídia primária, tem seu espaço e tempo próprios. Na era digital nossa gestualidade, cara a cara, olhos, boca, nariz, sons, ritmos são programados num tempo de máquina, artificial. A leitura é colocada, como aponta Chartier (2002), em termos descontínuos, como se fosse um banco de dados. Pinçamos palavras esparsas que não formam uma travessia.

Nossa contribuição é minúscula, frequentemente questionamos se vale a pena. Em outros momentos, cismamos no que faz alguns jovens serem atraídos pela literatura sem que isso lhes dê algo mensurável em troca (talvez algumas horas acadêmicas); parece maravilhoso. Certamente é um tempo/espaço de resistência à correria, ao produtivismo, ao maquínico. Nossas melhores reuniões têm sido as que abrem para sonhos e fantasias, no que os autores selecionados são mestres. É como se tivéssemos um portal disponível a outras dimensões, porém não é simples disponibilizá-lo, pois depende de desejo e vontade de cada uma das partes. Por fim, qual o norte que nos guia? É incerto, não é fixo, é uma região de sonhar, de escutar o outro, permitir-se ser tocado pelo diferente, pela ficção. Diferenciando-se temos o sentimento vago de pregnância, de que criar outros mundos é possível.



Referências Bibliográficas

- Berardi, F. (2020). *Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*. UBU.
- Borges, J. L. (2011). *Borges oral e sete noites*. Companhia das Letras.
- Bosi, A. (2015). *Entre a literatura e a história*. Editora 34.
- Bradbury, R. (2003). *Fahrenheit 451: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima*. Biblioteca Azul.
- Chartier, R. (2002). *Os desafios da escrita*. Editora UNESP.
- Coelho, T. (2019). *E-Cultura, a utopia final. Inteligência artificial e humanidades*. São Paulo Iluminuras.
- Freire, P. (2015). *Extensão ou comunicação?* Paz e Terra.
- Guattari, F. (2012). *Caosmose: um novo paradigma estético*. Editora 34.
- Lispector, C. (1998). *Felicidade Clandestina*. Rocco.
- Mãe, V. H. (2016). *O filho de mil homens*. Biblioteca Azul.
- Rosa, J. G. (2019). *Grande Sertão: Veredas*. Cia das Letras.
- Telles, L. F. (2002). *Durante aquele estranho chá*. Cia das Letras.
- Todorov, T. (2009). *A literatura em perigo*. DIFEL.